



ISPA
INSTITUTO UNIVERSITÁRIO
CIÊNCIAS PSICOLÓGICAS, SOCIAIS E DA VIDA

A Procura de Ajuda em Homens Vítimas de Violência Doméstica

Análise Crítica de Artigos

Inês Rebelo Tapadas

Orientador de Dissertação: Professor Doutor José Ornelas

Professor de Seminário de Dissertação: Professor Doutor José Ornelas

Dissertação submetida como requisito parcial para a obtenção do grau de:

Mestre em Psicologia Clínica

2021

Dissertação de Mestrado realizada sob a orientação do
Professor Doutor José Ornelas, apresentada no ISPA –
Instituto Universitário para obtenção de grau de Mestre
na especialidade de Psicologia Clínica

Agradecimentos

A realização desta tese contou com apoios e incentivos indispensáveis sem os quais não teria sido possível concluir este trabalho.

Ao Professor Doutor José Ornelas, pela sua orientação, total apoio, disponibilidade, críticas construtivas e colaboração que ajudaram a tornar possível a realização desta tese. Por sempre acreditar no potencial deste tema e incentivar o trabalho do mesmo.

Às colegas do seminário de tese por todo o apoio e disponibilidade demonstrada durante esta fase tão difícil para todos nós.

A todos os que fizeram parte deste caminho e que através do seu apoio ajudaram a concretiza-lo, às minhas amigas que me acompanharam desde sempre, e em especial aos meus pais e avós.

Resumo

O presente trabalho tem como objetivo providenciar uma visão mais alargada sobre a procura de ajuda por parte dos homens vítimas de violência doméstica de forma a entender o que leva estes homens a recorrer ou não aos apoios disponíveis e as respostas com as quais se deparam.

De forma a alcançar este propósito realizou-se uma análise crítica de artigos composta por 11 estudos. A seleção dos mesmos foi realizada através de uma pesquisa em diversas bases de dados utilizando palavras e frases-chave relevantes ao tema. Posteriormente, os artigos foram revistos e os seus resultados analisados através de quatro dimensões: Razões para a Procura ou Não de Ajuda, Utilização dos Serviços, Perceção da Utilidade dos Serviços e Reação dos Serviços.

Palavras-Chave: Procura de Ajuda; Homens Vítimas; Violência Doméstica; Análise Crítica de Artigos.

Abstract

The present work aims to provide a broader view on the issue of help seeking by men who are victims of domestic violence in order to understand what leads these men to resort or not to available help and what responses they come across.

In order to achieve this purpose, a critical analysis of articles consisting of 11 studies was carried out. Their selection was carried out through a search in several databases using words and key phrases relevant to the topic. Subsequently, the articles were reviewed and their results analyzed through four dimensions: Reasons for Seeking Help or Not, Services Use, Services Perception of Usefulness and Services Reaction.

Key words: Help Seeking; Men Victims; Domestic Violence; Critical Analysis.

Índice

Introdução.....	7
Enquadramento Teórico	9
Método.....	18
Tipo de Estudo.....	18
População	18
Procedimento	18
Análise de Dados.....	19
Resultados.....	20
Discussão dos Resultados.....	29
Razões para Procura ou Não de Ajuda	29
Utilização dos Serviços.....	31
Perceção da Utilidade dos Serviços	33
Reação dos Serviços	35
Conclusão	39
Referências	43

Introdução

O presente estudo realizou-se no âmbito da Dissertação de Mestrado em Psicologia Clínica no ISPA. Neste trabalho tem-se como principal objetivo tentar compreender as questões que afetam a procura de ajuda por parte dos homens vítimas de violência doméstica e que respostas estes encontram face a esta procura.

A violência doméstica é tida como sendo uma das transgressões dos direitos humanos mais prevalentes e prejudiciais ao bem-estar e saúde (Huntley et al., 2019), no entanto, apesar dos já existentes avanços tanto na pesquisa, como na política e prática nos últimos 30 anos, esta ainda se apresenta como um problema significativo nas sociedades (Muller et al., 2009). Embora nas últimas décadas se tenha vindo a verificar um maior investimento, ainda é visível a existência de uma discrepância na atenção direcionada aos homens que a sofrem (Mechem et al., 1999). Divergência que se poderá explicar pela dificuldade da realização de estudos nesta área dada a existência de um grande silenciamento, devido ao medo e vergonha sentidos, levando a que muitos dos abusos continuem por denunciar (Adebayo, 2014). O silenciar do abuso decorre do facto de estes homens não acreditarem que exista alguém que se preocupe e os poucos que revelam a situação, por diversas vezes, são alvo de escárnio, continuando a sentir-se invisíveis (Obarisiagbon & Oimage, 2019). Contudo, tem-se tornado perceptível uma mudança quanto ao estudo dos homens vítimas de violência doméstica e cada vez mais têm aparecido investigadores que se dedicam a este fenómeno e que tentam desafiar suposições e expandir a consciência académica acerca desta realidade (Aragbwa, 2020; Randle & Graham, 2011). Assim, durante os últimos anos tem-se observado um aumento nos estudos focados nestes homens que vivenciam violência doméstica demonstrando a necessidade e importância em debater esta problemática (Hine et al., 2020).

A metodologia selecionada foi a análise crítica de artigos. Esta tem como principal objetivo sintetizar e avaliar criticamente o estado atual do conhecimento relacionado com o tópico em estudo, permitindo identificar lacunas e aborda-las em estudos futuros (Carnwell & Daly, 2011). A análise crítica visa evidenciar que o investigador levou a curso uma extensiva revisão da literatura acerca do tema e avaliou criticamente a sua qualidade, possibilitando pensar cuidadosamente sobre a questão e avaliar as mais-valias encontradas nos estudos anteriores (Grant & Booth, 2009). Neste trabalho irá proceder-se à análise de um grupo de estudos que trabalham especificamente a procura de ajuda em homens vítimas de violência doméstica ou que a abordem.

Para este trabalho os estudos foram selecionados através de uma pesquisa em diversas bases de dados utilizando palavras e frases-chave que se encontrassem diretamente relacionadas e relevantes ao tema, assim como foram utilizadas as referências dos estudos já recolhidos, expandindo a recolha de artigos.

Em suma, o que se pretende com esta investigação é obter uma visão mais clara relativamente à procura de ajuda por parte dos homens vítima de violência doméstica através da análise de artigos referentes ao tema.

Enquadramento Teórico

A violência doméstica é um tema que cada vez mais tem vindo a ganhar maior destaque e que apesar de ser maioritariamente centrado nas mulheres enquanto vítimas, a verdade é que, nos últimos anos se tem assistido a um maior reconhecimento da vitimização dos homens e a sua importância tem crescido exponencialmente (Obarisiagbon & Oimage, 2019). Apesar de tudo isto, ainda há homens que optam por não relatar a violência sofrida devido ao constrangimento sentido, medo de escárnio e falta de apoio dos serviços (Barber, 2008).

Este tema é de importante discussão e expansão do seu conhecimento, particularmente no que toca aos homens. Para que tal seja praticável é necessário perceber o que é a violência doméstica e as suas diversas ramificações. A violência doméstica (VD) pode ser encarada como o padrão de comportamentos abusivos perpetrados por um ou mais indivíduos que se encontrem numa relação de intimidade (Drijber et al., 2013) e cuja manifestação pode ocorrer de variadas formas, tais como, física, psicológica e economicamente (UNICEF IRC, 2000 citado por Dienye & Gbeneol, 2009). Através da literatura é possível aferir que o estudo da violência doméstica levou ao aparecimento de novos termos que também tentam explicar este fenómeno e as suas diversas *nuances*. Straus e Gelles (1990 citado por Próspero, 2007) descrevem que qualquer ação, realizada por um parceiro ou ex-parceiro, em que seja perceptível a intenção de prejudicar o outro tem como nome *Intimate Partner Violence* (IPV). Já Johnson (2011) aborda duas novas ideias que designou por *Intimate Terrorism* (IT), referindo-se a qualquer tipo de abuso no qual esteja explícito o desejo de controlo por parte do perpetrador através de técnicas não violentas, e *Commom Couple Violence* (CCV) que nomeia todas as situações em que a violência é provocada pela situação na qual os intermediários se encontram transformando-se em agressões violentas. Independentemente da diversidade existente quanto à terminologia utilizada para descrever este fenómeno, é de facto importante a atenção que tem vindo a ser demonstrada no estudo desta área. Ao longo do trabalho irá ser utilizado o termo violência doméstica para descrever qualquer uma das situações, sendo que este abrange dentro de si os restantes.

A literatura torna perceptível que a vitimização é algo transversal a todos os géneros uma vez que os estudos têm vindo a demonstrar que ambos reportam sofrer agressões diretas pelos próprios parceiros (Archer, 2000). Mas, apesar da mudança já existente no que toca à conceção da violência doméstica, a vitimização dos homens ainda é encarada por alguns como sendo um tabu nas sociedades ocidentais, isto porque levanta duas ideias tidas como impensáveis, a de que o homem pode sofrer de violência por parte de uma mulher e a

realidade de que também as mulheres podem ser agressivas e violentas (George, 2007 citado por Entilli & Cipolletta, 2016).

Contudo, apesar de todo o trabalho já desenvolvido dentro deste campo e de cada vez existirem mais estudos centrados nos homens, ainda existe alguma discrepância quanto ao número de investigações acerca dos mesmos quando comparado com os das mulheres. No entanto, não nos podemos esquecer que de acordo com as estatísticas as mulheres são de facto o grupo mais atingido o que poderá ser um fator para a existência de maior material acerca do fenómeno. Uma outra razão apontada por alguns autores para esta discrepância é o movimento feminista que enquadra a violência doméstica como um problema de género, no qual o homem age constantemente contra a mulher, e caso exista a utilização de violência por parte da mesma terá sido em legítima defesa ou por se identificarem com o agressor (Hines et al., 2007). Este movimento terá tido um grande contributo para o forte reconhecimento das mulheres enquanto vítimas de violência doméstica, o que de alguma forma poderá dificultar a aceitação dos homens enquanto vítimas (Shuler, 2010). Johnson (2011) por sua vez desmente esta ideia referindo que o movimento feminista não rejeita a existência de mulheres perpetradoras de violência doméstica, existindo desta forma vítimas de ambos os géneros. Assim como, a violência exercida pelas mulheres nem sempre é em resposta a uma opressão por parte do homem. Embora seja possível supor que as mulheres possam de facto cometer atos violentos contra os seus parceiros em legítima defesa, a literatura não apoia nem refuta esta ideia (Mechem et al., 1999). Podendo o mesmo ser verificado através de um estudo realizado por Caldwell et al. (2009) onde se focam os motivos da violência doméstica por parte das mulheres, sendo que as razões mais relatadas pelas inquiridas para a violência foram motivos pró-ativos e defensivos. O estudo refere ainda que a análise fatorial exploratória revelou cinco fatores teoricamente significativos para a utilização da violência, sendo estes, expressão de emoções negativas, autodefesa, controlo, ciúmes e aparência de robustez. Ainda, esta dificuldade poderia estender-se ao facto de muitas sociedades se regerem por um modelo patriarcal, onde mais uma vez permanece a ideia de que a violência doméstica é uma questão de género e que é necessariamente perpetrada por homens face a mulheres. Mais ainda, antigamente chegava-se a punir os homens que não conseguissem seguir o modelo patriarcal, o que demonstrava uma não-aceitação da vitimização, contudo, hoje em dia este tipo de pensamento é pouco credível (George, 1994). Algo também importante e que não nos podemos esquecer é o papel do homem em termos históricos, no passado aqueles que eram vítimas de agressão por parte das companheiras eram transformados em objetos de escárnio

social (Davison, 1977 citado por Dutton & White, 2013). Levando a que muitos destes homens enterrassem os seus problemas debaixo de um véu privado (Goldberg, 1979 citado por Dutton & White, 2013).

A literatura cada vez mais reforça a ideia de que a violência doméstica deve ser considerada como um problema humano e não de género. Este novo olhar não tem como objetivo pôr em causa todo o estudo realizado no campo das mulheres vitimizadas nem o facto de que estas são a população mais afetada, mas sim, demonstrar que qualquer pessoa pode ser uma vítima (Hines & Malley-Morrison, 2001). De acordo com Adebayo (2014), através de um questionário realizado no Canadá foi possível aferir que 6% dos homens já tinham sido vitimizados pelas suas parceiras, quer física, quer sexualmente. Nos Estados Unidos foi verificado que de entre 16,000 americanos 7% dos homens tinham sido vítimas de violência física, 0.2% vítimas de violação e 0.5% vítimas de stalking (Tjaden & Thoennes, 2000). Já de acordo com um estudo realizado por Mechem et al., (1999) foi aferido que de entre todos os homens que recorreram ao departamento de emergência, 12.6% tinham sido vítimas de violência doméstica no ano anterior. Em 2010 no Reino Unido, de entre mais de 21,000 pessoas verificou-se que 4% dos homens tinham sido vítimas de violência doméstica no último ano (Smith et al., 2011 citado por Adebayo, 2014). Alguns estudos publicados entre 2000 e 2010 conseguiram perceber que 1 em cada 5 homens (19.3%) já experienciaram violência dentro de uma relação íntima (Desmarais et al., 2012). De acordo com o Ministério da Administração Interna Português (2010 citado por Carmo et al., 2011) a violência doméstica foi a segunda maior causa de violência interpessoal, só em 2010 esta foi causa de 26.1% das queixas apresentadas às autoridades, de entre as quais 18% foram de homens. Os resultados encontrados num estudo realizado por Mills et al. (2006) indicam que a violência doméstica direcionada aos homens é mais comum e possivelmente mais prevalente do que o que se poderia pensar. Aproximadamente 20% dos participantes indicam ter sofrido lesões no último ano ou sempre, 35% a 55% foram ameaçados ou vítimas de violência psicológica. Assim sendo, para Gross (2004 citado por Barkhuizen, 2015) a violência exercida sobre estas vítimas não deve ser simplesmente encarada como o outro lado da moeda da violência exercida sobre as mulheres, sendo que ambas fazem parte do mesmo problema devendo ser tratadas em termos humanos. Independentemente de por quem é cometida, a violência doméstica é um grave assunto social (Cook, 2009).

Todavia, a sociedade ainda se depara com alguns estereótipos que poderão influenciar a perceção das pessoas quando se encontram perante situações de violência doméstica. Sendo

um deles, a masculinidade hegemônica, na qual o homem é visto como o detentor de todo o poder e ao qual a mulher se deve subjugar (Schippers, 2007). Tal leva a que de acordo com Rhatigan et al. (2011), tanto homens como mulheres tenham uma menor tendência em atribuir responsabilidade a uma agressora aquando o uso da violência. Como consequência, isto leva a que quem testemunhe tais atos apresente uma maior propensão a não intervir ou não alertar as autoridades caso se verifique que o agressor é uma mulher (Espinoza & Warner, 2016). Ainda, Arias e Johnson (1989) verificam que quando questionados, tanto homens como mulheres, tendem a avaliar interações violentas numa dinâmica de homem-mulher como sendo mais negativas em comparação com as de mulher-homem. Há ainda autores que sugerem que o estereótipo de género em conjunto com outros rótulos acerca da natureza da violência doméstica podem de certa forma minimizar quer a experiência quer a visibilidade e consequentemente o suporte disponível às vítimas masculinas (Hine, 2019 citado por Hine et al., 2020). O que acabará por se refletir na procura de ajuda experienciada por estes (Huntley et al., 2019) e nas reações negativas encontradas junto dos amigos (Bates, 2019). Mas de acordo com Mankowski e Maton (2010) a masculinidade não deve ser pensada em termos estáticos e singulares, mas sim como possuindo uma multiplicidade adquirida em resposta às condições com as quais os homens se deparam sendo que muitas vezes os indivíduos não apresentam recursos de forma a promulgar a masculinidade hegemônica. Ainda, de acordo com os autores, muitos dos problemas sociais e de saúde poderiam ser ultrapassados caso as qualidades negativas da masculinidade fossem desafiadas e as positivas fortalecidas dentro de contextos apropriados, quer seja por intervenções a nível individual, comunitário ou social. Adicionando a isto, de acordo com Barber (2008) ainda existe uma falha na informação e nos recursos existentes para ajudar estes homens. Podendo a procura de ajuda ser negativamente afetada, sendo que este desconhecimento poderá levar a uma não procura de apoio ou a sentirem que irão ser desacreditados ou gozados. O que segundo Bates (2019) pode ser uma possibilidade, uma vez que as vítimas reportam não serem levadas a sério, sentirem-se ridicularizadas, serem gozadas pelos serviços de ajuda face à sua experiência ou até mesmo chegarem a ser acusados da responsabilidade do abuso. Uma outra razão apresentada pelas vítimas para não reportarem as suas experiências é temerem que durante o processo de procura de ajuda acabem por ser rotulados enquanto agressores, principalmente se tiver existido uma tentativa de autodefesa (Shuler, 2010). Devido à sua vitimização os homens são muitas vezes vistos como transgressores dos estereótipos de papel de género, associados à dominância e assertividade, o que consequentemente leva a que lhes seja negada a sua condição de vítima (Terrance et al., 2011). Algo que foi também notado por Barber (2008) é

que estes homens muitas vezes para além de não procurarem ajuda profissional ou os serviços de saúde, chegam mesmo a recusar a realizar exames físicos principalmente se forem executados por uma mulher.

Outros possíveis entraves a um maior estudo deste fenómeno poderão ser o facto de não existirem muitos lugares onde estes homens se possam juntar (Hines et al., 2007), assim como, alguns destes indivíduos não sentirem que estão numa situação de abuso ou não o reportarem às autoridades (Dutton & White, 2013). Por exemplo, no estudo de Park et al. (2020) os homens revelaram que somente após terem terminado o relacionamento se aperceberam da gravidade da situação apesar da violência sofrida, não reconhecendo no momento a sua vitimização. Isto leva a que uma grande porção das vítimas sejam indivíduos isolados uma vez que não existem muitos grupos dispostos a reconhecer a sua condição de vítima, em virtude da maioria dos serviços se encontrar focado na violência doméstica dirigida às mulheres (Barkhuizen, 2015; George, 1994). Com isto os homens que se encontram nesta situação tendem a esconder e a não falar abertamente sobre a sua experiência, uma vez que tal atacaria o seu ego e expô-los-ia perante uma sociedade patriarcal, optando por sofrer em silêncio até chegarem a um ponto equiparado a uma quase morte (Adebayo, 2014). Além de que a literatura tem vindo a perceber que os homens têm de superar diversas barreiras internas e externas quando procuram ajuda, sendo algumas delas, o não entenderem a sua situação como sendo um abuso, normalização de abuso na sua vida, querer manter a relação, o papel dos homens na sociedade, vergonha, desculpas para a ação da parceira, medo de procurar ajuda, entre outros (Lysova et al., 2020). Uma outra dificuldade à sua creditação é o facto de o homem ser percecionado como fisicamente maior em relação à mulher, ou seja, dado que este é mais forte a maioria pensa que estes seriam capazes de ripostar ou até parar a agressão (Pagelow, 1985). Posto isto, Brown (2004 citado por Randle & Graham, 2011) reparou na existência de uma discrepância quanto às detenções e acusações em termos de género, sendo que, os homens vitimizados mostravam uma maior relutância em reportar a situação e a polícia não se disponha a deter as acusadas. Num estudo realizado em Portugal foi verificado que 73% dos homens vítimas de violência doméstica optaram por não reportar os abusos sofridos, sendo que apenas 31.7% apresentaram mais que uma queixa (Carmo et al., 2011). Num questionário realizado em 1985 foi verificado que apenas 1% dos homens terá contactado a polícia e apenas 2% procurou ajuda junto de familiares ou amigos, o inquérito apurou ainda que existe uma menor probabilidade de retaliação por parte dos mesmos (Stets & Strauts, 1992 citado por Dutton & White, 2013). Já Mechem et al., (1999) no seu estudo

verificaram que dos homens entrevistados apenas 19.0% contactou a polícia, 14.3% recebeu tratamento médico, 11.4% apresentou queixa ou pediu ordem de restrição e 5.7% procurou aconselhamento profissional. Segundo George e Yardwood (2004 citado por Shuler, 2010) de entre os homens que reportaram o abuso sofrido, 47% foram ameaçados pela polícia com a possibilidade de detenção, 35% foram ignorados e 21 % foram de facto detidos ao invés da agressora, tudo isto devido ao facto de a mulher não tender a ser percecionada como perpetradora. Esta menor tendência de reporte por parte dos homens, não parece acontecer apenas em casos de violência doméstica, estendendo-se a outros tipos de violência. Por exemplo, ao olharmos mais especificamente para os casos de assalto sexual é possível verificar que mais uma vez os homens estão menos dispostos a relatar o ocorrido e têm um menor conhecimento acerca dos serviços a que devem recorrer para obtenção de informação ou ajuda (Banyard et al., 2007). Tudo isto leva a que ainda exista uma obstrução da dimensão exata da vitimização dos homens (Donnelly & Kenyon, 1996).

Através de diversos estudos foram também identificadas as diversas formas de violência das quais estes homens são vítimas. Foi verificada a existência de agressões físicas direcionadas aos homens, sendo algumas, pontapear, morder, sufocar, arranhar ou a utilização de armas (Drijber et al., 2013; Hines et al., 2007). Um outro estudo realizado na área rural de Haryana, Índia, por Malik e Nadda (2019) percebeu que de entre uma amostra de 1000 homens 56.1% sofreu de violência emocional, 6% violência física e 0.4% violência sexual. Segundo Archer (2000) os estudos mostram que as mulheres se percecionam como sendo mais propícias à utilização de agressão física em comparação com os homens. Já outros estudos verificam que as mulheres tendem a utilizar armas de fogo e formas de agressão que não impliquem força física (Straus, 1980 citado por Drijber et al., 2013). Vários estudos qualitativos têm vindo a demonstrar que os homens tendem a sofrer uma violência física severa, controlo e manipulação (Allen-Collinson, 2009; Stitt & Macklin, 1995 citado por Machado et al., 2020). Num estudo realizado por Tjaden e Theonnes (2000) 26% dos homens revelou ter visto a sua integridade física ameaçada e 20% temeu pela própria segurança e da sua família. Um estudo realizado por Dim e Elabor-Idemudia (2017), focado na violência psicológica, percebeu que 2.2% dos homens teriam sido isolados dos familiares e amigos, 2.7% foram rebaixados ou desprezados, 4.2% foram vítimas de atos de ciúmes, 0.2% viu o seu animal de estimação ou alguém próximo prejudicado ou ameaçado, 4.6% refere que a parceira exigia saber o seu paradeiro, 0.4% deparou-se com destruição ou danificação das suas posses, 0.4% foram impedidos de aceder aos rendimentos familiares e 0.3% eram

obrigados a dar o seu dinheiro à parceira. Foi também compreendido que o aumento de idade diminuiria a sua probabilidade em sofrer violência psicológica, assim como, aqueles que se encontrassem em união de facto eram 29% mais prováveis de sofrer violência doméstica em comparação com os homens casados. Já os que na sua infância tivessem sofrido violência por algumas vezes teriam 55% mais probabilidade de sofrer violência psicológica e os que sofreram recorrentemente durante a infância são duas vezes mais prováveis. Ainda, os homens que tivessem presenciado violência entre os pais apresentam uma maior probabilidade (95%) de vir a sofrer violência psicológica. Wagers et al. (2020) encontraram uma conexão entre o experienciar ou presenciar violência doméstica na adolescência e o posterior envolvimento em situações idênticas quer enquanto vítima ou enquanto perpetrador. O estudo permitiu perceber ainda que 44.4% dos seus participantes sofrem violência física, 72.9% violência emocional e 1.7% violência sexual. Num estudo realizado em Portugal por Carmo et al. (2011), verificou-se que o tipo de violência mais reportado consistiu numa combinação de violência física e psicológica (55.7%), seguida de apenas violência física (19.8%) e apenas abuso psicológico (17%). No estudo realizado por Mechem et al. (1999) 60% dos homens tinha sido esbofetado, agarrado ou empurrado, 48.6% estrangulado, pontapeado, mordido ou esmurrado, 46.8% tinham visto algum tipo de objeto atirado a si, 36.7% tinha sido ameaçado ou ferido com uma arma ou faca, 6.5 % foram forçados a ter relações sexuais e 48.6% referem sentir medo que atual ou ex companheira os ferisse fisicamente. Ainda de acordo com o estudo de Capaldi e Owen (2001) tanto as taxas de lesões sofridas como de medo não apresentam uma diferença significativa entre géneros.

No entanto, apesar de tudo isto existem ainda teóricos que pensam na violência doméstica exercida por mulheres sobre homens como sendo incapaz de provocar efeitos sociais ou psicológicos nos mesmos (Mills, 1984 citado por Hines & Douglas, 2010). Todavia, a literatura tem vindo ao longo do tempo a demonstrar o quão prejudicial é a violência, e não apenas em termos físicos (Cook, 2009). Os estudos têm vindo a demonstrar que a violência doméstica está associada a riscos significativamente negativos, quer na saúde física, quer na mental, independentemente do género (Coker et al., 2002). A violência sofrida pode ainda provocar grandes danos à autoestima do sujeito, impedindo a sua normal produtividade enquanto cidadão (Cook, 2009). O mesmo foi relatado por Próspero (2007), os sintomas referentes à saúde mental das vítimas de violência doméstica tendem a aumentar independentemente do género, revelando que existe uma igual probabilidade dos homens sofrerem problemas de saúde mental. Também de acordo com Brooks et al. (2017) a análise

das histórias dos homens vitimizados apurou que estes parecem partilhar alguns dos medos relatados pelas vítimas femininas, tais como, medo da parceira e de abandonar a relação, dificuldades na confiança, existência de uma revitimização por parte do sistema legal e medos relacionados à revelação da violência sofrida. As vítimas descrevem ainda que os abusos levaram à existência de um impacto na formação de futuras relações duradouras, uma vez que perderam a confiança nas suas parceiras ou sentem demasiado medo (Bates, 2019). É também verificado que alguns dos homens relatam que mesmo após o término da relação com a perpetradora existe a persistência de sentimentos ambíguos e momentos de saudade da mesma, no entanto, dizem não querer repetir o padrão de relacionamento (Park et al., 2020). Os resultados encontrados por Stets e Straus (1994 citado por Randle & Graham, 2011) descrevem que os homens vítimas de violência doméstica têm uma maior propensão a apresentar sintomas psicossomáticos, stress e depressão. Os estudos vêm demonstrar que os homens que sofrem de violência doméstica têm maiores níveis de ideação suicidada, sofrimento psicológico, sintomas psicossomáticos, doenças cardiovasculares, isolamento, solidão e perda de emprego (Machado et al., 2020). De acordo com Hines e Douglas (2011) também a experiência de procura de ajuda pode ter consequências, uma vez que os estudos têm vindo a demonstrar que experiências negativas no processo de procura de ajuda estão associadas ao deterioramento da saúde mental destes homens. É desta forma possível perceber que a violência doméstica apresenta consequências físicas, psicológicas, psiquiátricas e sociais, negativas para as vítimas (Capaldi & Owen, 2001). Mais uma vez, também no caso do assalto sexual, dado que os homens são menos prováveis de procurar ajuda, as consequências podem ser agravadas e ainda mais severas (Donnelly & Kenyon, 1996). Tornando-se assim de extrema importância que todos os *treatment providers* devam reconhecer a possível existência de um trauma por parte dos homens que os procuram (Hines & Douglas, 2010). É de extrema importância que qualquer serviço tenha um papel responsivo e apresente uma abordagem compreensiva de forma a tornar a experiência de procura de ajuda o menos traumática possível para estes homens (Donnelly & Kenyon, 1996).

Posto tudo isto, apesar de alguns homens já apresentarem vontade de partilhar os seus medos e vitimização, ainda existe quem tenha alguma resistência à revelação e reformulação da condição de vítima de forma a conseguir sustentar o seu próprio poder e controlo (Brooks et al. 2017). Acrescentando a tudo isto, é ainda necessário ter em atenção os elevados índices de violência vividos tanto por mulheres como homens e reconhecer a necessidade da criação de estratégias de prevenção direcionadas a ambos os géneros (Desmarais et al., 2012). Desta forma, o que se pretende através deste trabalho é tentar obter um maior olhar sobre quais as

razões apontadas pelos homens para a procura ou não de ajuda face às situações em que estes se encontram e quais as respostas encontradas em estudos já anteriormente realizados e publicados.

Em suma, a violência doméstica é um dos problemas mais preponderantes da nossa sociedade e que cada vez mais é debatido, deixando transparecer a necessidade de dar voz a todas as vítimas. Demonstrando que no pensamento atual a violência doméstica começa a ser vista e considerada como um problema humano e não de género, do qual qualquer pessoa pode ser vítima. Contudo, apesar deste avanço na sociedade e na literatura, a verdade é que ainda muitos dos homens escondem o abuso do qual são vítimas e preferem não recorrer a nenhum tipo de ajuda, encobrindo a violência que sofrem. No entanto, parece começar já a existir uma maior abertura por parte de alguns, levando-os a revelar e denunciar a situação, tentando encontrar soluções não só para acabar com a violência como conseguir sair da relação abusiva. Mas a razão para que a maioria dos homens não procure ajuda é devido em grande parte ao medo de ser gozado e humilhado, uma vez que na sociedade o homem se encontra sob um véu de estereótipos de masculinidade não congruentes com a situação em que estes se encontram. Apesar de não existir uma concordância, a maior parte dos estudos parece indicar que o tipo de violência que os homens mais sofrem é psicológica/emocional. Tal como se poderia prever, a violência doméstica deixa no indivíduo, independentemente do seu género, consequências negativas, sejam elas físicas ou psicológicas, ao contrário daquilo que foi em tempos pensado por alguns autores.

Para este estudo e através da literatura consultada foram criadas 4 dimensões de forma a analisar a procura de ajuda por parte de homens vítimas de violência doméstica, sendo estas, Razões para a Procura ou Não de Ajuda, Utilização dos Serviços, Perceção da Utilidade dos Serviços e Reação dos Serviços.

Método

Tipo de Estudo

No presente trabalho, o tipo de estudo realizado foi uma análise crítica de artigos.

Esta metodologia possibilita expor o atual estado da literatura dentro do campo em investigação, assim como, quais as principais questões em estudo de modo a identificar de uma forma segura quais as lacunas existentes no conhecimento atual (Carnwell & Daly, 2011). A análise crítica procura identificar os itens mais significativos do tópico estudado através da apresentação, análise e sintetização do material recolhido através de diversas fontes (Grant & Booth, 2009).

Neste acaso, a análise crítica tem como principal objetivo obter uma maior compreensão quanto à procura de ajuda por parte dos homens vítimas de violência doméstica.

Amostra

Este trabalho tem como amostra 11 artigos, todos eles referentes à temática em investigação. De entre os estudos as amostras são todas elas compostas por participantes com idades superiores ou iguais a 18 anos, com exceção de um dos artigos que não continha informação quanto à idade dos participantes.

Procedimento

Para recolher estes artigos foi realizada uma procura nas bases de dados Web of Science, Ebsco e Google Scholar. Para uma pesquisa mais específica e focalizada foram utilizadas palavras e frases-chave, tais como, “man or male” “domestic violence”, “victims”, “domestic violence against men”, “male victims of domestic violence” “help seeking in men victims of domestic violence”, “homens”, “violência doméstica”, “vítimas”, “violência doméstica contra homens”, “homens vítimas de violência doméstica”, “procura de ajuda em homens vítimas de violência doméstica”. Esta procura foi realizada tanto em português como em inglês de forma a abranger um maior leque de resultados. Apesar de todo o cuidado na pesquisa, de entre os resultados encontrados alguns não tratavam o tema em estudo.

Em seguida e de forma a fazer uma nova filtragem, foram analisados os títulos de todos os artigos encontrados, permitindo a exclusão daqueles que se dedicavam a vítimas femininas ou a homens agressores. De seguida, foram examinados os resumos dos restantes artigos de

forma a obter uma melhor compreensão sobre o que analisavam e se estavam dentro do tema em estudo neste trabalho. Na tentativa de conseguir obter o máximo de informação possível foram também consultadas as referências bibliográficas de diversos artigos. Todos aqueles que abordassem a vitimização dos homens, especialmente a procura de ajuda foram lidos e de entre estes selecionados os que mais se adaptassem ao pretendido e cuja publicação tivesse sido realizado num jornal/revista científica.

Assim sendo, tanto estudos qualitativos quanto quantitativos foram incluídos. Foram também incluídos estudos que apesar de não focarem o tema em investigação apresentavam resultados em separado acerca da temática.

Análise de Dados

Uma vez terminada a recolha da literatura relativa ao tema, os artigos foram lidos na sua íntegra e destacados os resultados considerados importantes para a investigação em curso. Para uma maior exposição dos mesmos, foi formada uma tabela com o intuito de descrever sucintamente os múltiplos artigos selecionados de forma a apresentar uma visão geral acerca dos mesmos.

De forma a trabalhar melhor os resultados recolhidos, formaram-se quatro dimensões cuja nomeação teve em linha de conta os estudos selecionados. Sendo estas denominadas de, Razões para a Procura ou Não de Ajuda, Utilização dos Serviços, Perceção da Utilidade dos Serviços e Reação dos Serviços. A escolha das mesmas deveu-se à perceção da sua relevância dentro do tema e de se encontrarem bastante presentes nos artigos em análise.

De seguida criou-se uma tabela demonstrativa da distribuição dos artigos pelas dimensões mencionadas.

Por fim, em cada dimensão foram expostos os resultados de cada artigo e criadas tabelas resumo no final destas, nas quais são identificados os principais pontos a reter.

Resultados

De entre os 11 estudos escolhidos para esta análise crítica a maioria foram conduzidos nos Estados Unidos (n= 6), seguido da Europa (n=3), África do Sul (n= 1) e Austrália (n=1).

De forma a ser possível explicar uma visão geral dos 11 artigos selecionados, foi criada a tabela 1, dividida em 6 pontos: Autores/Data; Nome do Artigo, Revista, Objetivo, Amostra/Metodologia e Resultados.

Tabela 1. Caracterização dos artigos

	Autores/ Data	Nome do Artigo	Revista	Objetivo	Amostra/ Metodologia	Resultados
1	Machado, Santos, Graham-Kevan & Matos (2017)	Exploring Help Seeking Experiences of Male Victims of Female Perpetrators of IPV	J Fam Viol Impact Factor: 1.112 (2017) Quartil: Q2 (2017)	Explorar a experiência de procura de ajuda de homens vítimas de violência doméstica.	N=10 Os dados foram recolhidos através de formulários demográficos e entrevistas semiestruturadas	O estudo revelou as dificuldades enfrentadas pelos homens na procura de ajuda, especificamente, as diferenças quanto ao tratamento entre vítimas homens e mulheres.
2	Barkhuizen (2015)	Police reaction to the male victim of domestic violence in South Africa: case study analysis	Police Practice and Research Impact Factor: 0.766 (2015) Quartil: Q2 (2015)	Explorar a experiência de procura de ajuda dos homens vítimas de violência doméstica e a reação da polícia na África de Sul.	N=5 Foi realizado um estudo da literatura existente a partir de 2010, parecer com especialistas, entrevistas aprofundadas e a observação da linguagem corporal dos participantes e dos seus contextos sociais.	Relatos de reações negativas e positivas por parte da polícia aquando chamados a casos de violência doméstica.

3	Drijber, Reijnders & Ceelen (2013)	Male Victims of Domestic Violence	J Fam Viol Impact Factor: 1.224 (2013) Quartil: Q2 (2013)	Obter maior conhecimento acerca das características da violência doméstica em homens e da tendência a falar e reportar.	N=372 A recolha de dados foi feita através de um questionário online com 15 questões.	A razão mais apresentada para a não denúncia da violência é a crença de que a polícia não iria atuar.
4	Hine, Bates & Wallace (2020)	“I Have Guys Call Me and Say ‘I Can’t Be the Victim of Domestic Abuse’”: Exploring the Experiences of Telephone Support Providers for Male Victims of Domestic Violence and Abuse	Journal of Interpersonal Violence Impact Factor: 1.640 (2019) Quartil: Q1 (2019)	Obter informações mais detalhadas acerca da natureza e contexto do abuso e experiência de procura de ajuda por parte de homens vítimas de violência doméstica e explorar a experiência dos profissionais das linhas de apoio em auxiliar estes homens.	N=4 Os dados foram recolhidos através de entrevistas semiestruturada. Estas foram transcritas e analisadas através da análise temática.	Existência de um tema superordenado “Estereótipos e Expectativas dos Homens”, dividindo-se em 3 temas e 8 subtemas, sendo um deles, as barreiras ao reporte por parte dos homens.
5	Migliaccio (2001)	Marginalizing the Battered Male	The Journal of Men’s Studies Impact Factor: 0.500(2013) Quartil:Q3 (2013)	A análise tenta perceber não só as lutas internas que muitos sentem enfrentar em termos do seu medo de marginalização mas também os preconceitos percecionados que confirmam esse medo.	N=12 A recolha de dados foi realizada através da análise das narrativas dos participantes.	Foi recolhida informação sobre as crenças e reações dos homens face aos casamentos violentos e em como o medo de serem rotulados como femininos impactou a relação, prolongando a violência.

6	Walker, Lyall, Silva, Craigie, Mayshak, Costa, Hyder & Bentley (2019)	Male Victims of Female-Perpetrated Intimate Partner Violence, Help-Seeking, and Reporting Behaviors: A Qualitative Study	Psychology of Men & Masculinities Impact Factor: 2.233(2019) Quartil: Q1(2019)	Explorar a experiência dos homens vítimas de violência doméstica perpetrada por mulheres.	N=258 A amostra foi recolhida através da abordagem bola de neve nas redes sociais e boletim informativo num site de apoio à saúde masculina. O questionário foi preenchido online.	As revelações do abuso à família e amigos eram recebidas com choque, apoio e minimização da situação. Relatam-se ainda experiências abusivas secundárias com os serviços de apoio.
7	Machado, Hines & Douglas (2020)	Male Victims of Female-Perpetrated Partner Violence: A Qualitative Analysis of Men's Experiences, the Impact of Violence, and Perceptions of Their Worth	Psychology of Men & Masculinities Impact Factor: 2.233(2019) Quartil: Q1(2019)	Examinar a natureza da vitimização dos homens por parte de mulheres, o impacto do abuso, as repostas obtidas por parte das vítimas aquando procura de ajuda e questões sociais que as mesmas percecionam como contribuindo para a sua vitimização.	N=59 A amostra foi recolhida através das redes sociais e de agências especializadas em vítimas masculinas de violência doméstica. Os dados foram analisados através de uma análise temática.	A procura de ajuda parece ser complexa e heterógena, levando a bastante consequências negativas. Destaca-se ainda o potencial de as questões sociais serem percecionadas pelos homens como contribuindo para a sua vitimização e falta de apoios.

8	Tsui (2014)	Male Victims of Intimate Partner Abuse: Use and Helpfulness of Services	Social Work Impact Factor: 1.159 (2014) Quartil: Q2 (2014)	Exploração do uso de serviços de ajuda por parte dos homens vítimas de violência doméstica e a percepção da utilidade dos mesmos.	N=80 O estudo utilizou um questionário anônimo online, com opção de administração em papel.	Os homens enfrentam diversos problemas interpessoais e obstáculos sociais. Existe desconforto na procura de ajuda e apesar de estes homens serem elegíveis, os serviços existentes podem não estar disponíveis ou não ser úteis.
9	Tsui, Cheung & Leung (2010)	Help-Seeking among male victims of partner abuse: Men's hard times	Journal of Community Psychology Impact Factor: 1.000 (2010) Quartil: Q2 (2010)	Atender à carência de examinar as necessidades das vítimas masculinas para identificar fatores que impeçam os homens de procurar ajuda.	N=68 Os dados foram recolhidos através de um questionário criado para o estudo e preenchido por serviços de ajuda a vítimas de violência doméstica.	Cerca de 25% dos homens não usam os serviços de ajuda. Os serviços mais utilizados indicados pelos homens foram o aconselhamento individual e jurídico, os menos utilizados foram, aconselhamento de grupo e internet. Foram encontrados 5 temas que desencadeiam dificuldades nos homens: percepção dos serviços, vergonha e embaraço, negação, estigmatização e medo.

10	Douglas & Hines (2011)	The Helpseeking Experiences of Men Who Sustain Intimate Partner Violence: An Overlooked Population and Implications for Practice	J Fam Viol Impact Factor: 1.598 (2011) Quartil: Q1 (2011)	Tentar documentar onde os homens procuram ajuda, como os seus pedidos são recebidos e a correlação positiva e negativa entre as experiências de procura de ajuda e a sua saúde mental.	N=302 A amostra foi recolhida junto de várias fontes e os dados foram recolhidos através de um questionário e algumas escalas.	Os homens que procuram ajuda vêm como mais positivo a procura junto de amigos, familiares, profissionais de saúde mental e serviços médicos. Já como mais negativo os profissionais dos serviços de violência doméstica.
11	Douglas, Hines & McCarthy (2012)	Men Who Sustain Female-to-Male Partner Violence: Factors Associated With Where They Seek Help and How They Rate Those Resources	Violence and Victims Impact Factor: 1.164 (2012) Quartil: Q2 (2012)	O estudo tenta abordar quais os fatores demográficos ou experiências de vida que estão ligados ao local onde os homens procuram ajuda e como os homens avaliam a utilidade dos recursos.	N=302 A amostra foi recolhida junto de várias fontes e os dados foram recolhidos através de um questionário e algumas escalas	A qualidade dos serviços encontra-se fortemente ligada a como estes avaliam a utilidade do serviço. Todos os que fornecerem referências ou informações úteis e validaram a sua situação receberam uma avaliação mais positiva, assim como quando os serviços respondiam de acordo com as expetativas.

A revista que contém mais publicações relativas ao tema em estudo é a Journal of Family Violence, com três artigos, seguido de Psychology of Men and Masculinities, com dois.

Verifica-se que o método mais utilizado para recolha de dados foram questionários, seguido de entrevistas.

O ano com maior número de publicações (n=2) foi 2020, no entanto, todos os outros foram publicados nos últimos 10 anos, sendo apenas exceção dois deles.

De entre os artigos, os autores mais publicações selecionadas para este estudo foram Emily M. Douglas e Denise C. McCarthy, com três estudos, seguidas de Andreia Machado e Venus Tsui, com dois.

Os artigos anteriormente referidos encontram-se distribuídos pelas quatro dimensões criadas para o este estudo. Assim de forma a compreender melhor esta distribuição apresenta-se a tabela seguinte. A mesma encontra-se dividida em dois pontos, Dimensões e Autor/Artigo.

Tabela 2. Artigos por Dimensão

	Dimensões			
	Razões para Procurar ou Não Ajuda	Utilização dos Serviços	Perceção da Utilidade dos Serviços	Reações dos Serviços
Autores/Artigos	Hine, Bates & Wallace (2020) “I Have Guys Call Me and Say ‘I Can’t Be the Victim of Domestic Abuse’”: Exploring the Experiences of Telephone Support Providers for Male Victims of Domestic Violence and Abuse	Tsui (2014) Male Victims of Intimate Partner Abuse: Use and Helpfulness of Services	Tsui (2014) Male Victims of Intimate Partner Abuse: Use and Helpfulness of Services	Tsui (2014) Male Victims of Intimate Partner Abuse: Use and Helpfulness of Services
	Drijber, Reijnders & Ceelen (2013) Male Victims of Domestic Violence	Machado, Santos, Graham-Kevan & Matos (2017) Exploring Help Seeking Experiences of Male Victims of Female	Machado, Santos, Graham-Kevan & Matos (2017) Exploring Help Seeking Experiences of Male Victims of	Machado, Hines & Douglas (2020) Male Victims of Female-Perpetrated Partner Violence: A

	Perpetrators of IPV	Female Perpetrators of IPV	Qualitative Analysis of Men's Experiences, the Impact of Violence, and Perceptions of Their Worth
Migliaccio (2001) Marginalizing the Battered Male	Walker et al. (2019) Male Victims of Female-Perpetrated Intimate Partner Violence, Help-Seeking, and Reporting Behaviors: A Qualitative Study	Douglas & Hines (2011) The Helpseeking Experiences of Men Who Sustain Intimate Partner Violence: An Overlooked Population and Implications for Practice	Machado, Santos, Graham-Kevan & Matos (2017) Exploring Help Seeking Experiences of Male Victims of Female Perpetrators of IPV
Walker et al. (2019) Male Victims of Female-Perpetrated Intimate Partner Violence, Help-Seeking, and Reporting Behaviors: A Qualitative Study	Douglas & Hines (2011) The Helpseeking Experiences of Men Who Sustain Intimate Partner Violence: An Overlooked Population and Implications for Practice	Douglas, Hines & McCarthy (2012) Men Who Sustain Female-to-Male Partner Violence: Factors Associated With Where They Seek Help and How They Rate	Hine, Bates & Wallace (2020) "I Have Guys Call Me and Say 'I Can't Be the Victim of Domestic Abuse'": Exploring the Experiences of Telephone Support

			Those Resources	Providers for Male Victims of Domestic Violence and Abuse
Barkhuizen (2015) Police reaction to the male victim of domestic violence in South Africa: case study analysis	Drijber, Reijnders & Ceelen (2013) Male Victims of Domestic Violence			Drijber, Reijnders & Ceelen (2013) Male Victims of Domestic Violence
Tsui, Cheung & Leung (2010) Help-Seeking among male victims of partner abuse: Men's hard times	Douglas, Hines & McCarthy (2012) Men Who Sustain Female-to-Male Partner Violence: Factors Associated With Where They Seek Help and How They Rate Those Resources			Migliaccio (2001) Marginalizing the Battered Male
				Walker et al. (2019) Male Victims of Female-Perpetrated Intimate Partner Violence, Help-Seeking, and Reporting Behaviors: A

			Qualitative Study
			Barkhuizen (2015) Police reaction to the male victim of domestic violence in South Africa: case study analysis
			Douglas & Hines (2011) The Helpseeking Experiences of Men Who Sustain Intimate Partner Violence: An Overlooked Population and Implications for Practice

A dimensão com mais artigos trabalhados é a “Reações dos Serviços”, tendo dentro dela nove, e a que apresenta menos é “Perceção da Utilidade dos Serviços”, com apenas quatro. De entre os artigos, cinco deles são analisados em três dimensões, quatro em duas e dois em apenas uma.

Discussão dos Resultados

Neste capítulo apresentam-se as quatro dimensões em investigação, tendo contidas dentro de si os resultados de cada artigo recolhido. A discussão dos resultados passa assim pela exposição dos mesmos e da criação de tabelas resumo, que têm como objetivo destacar os pontos mais importantes de cada dimensão.

Razões para a Procura ou Não de Ajuda

Para a dimensão “Razões para a Procura ou Não de Ajuda”, tentou-se perceber através dos estudos quais os motivos que levavam os homens vítimas de violência doméstica a procurar algum tipo de ajuda, como também, as razões pelas quais algumas das vezes mesmo sofrendo de violência optavam por não procurar qualquer tipo de assistência.

Começando por analisar o estudo de Hine et al. (2020), é perceptível que muitos dos homens vitimizados ainda se encontram relutantes e até mesmo incapazes de reconhecer e aceitar a sua vitimização dado o existente receio em comprometer ou perder a sua identidade masculina/masculinização. Adicionando a isto os participantes apontam ainda mais barreiras à procura de ajuda e à revelação da situação, como, a incapacidade em reconhecer e aceitar a sua condição, o não reconhecimento da necessidade de ajuda, receio de que ninguém acredite na sua história, perda de contacto com os filhos, falta de conhecimento ou consciência relativamente à violência doméstica, vergonha em admitir o abuso e o facto de alguns dos homens não quererem terminar a relação. Foi ainda assinalado quanto à procura de ajuda que esta não é apenas realizada pela vítima mas também pelos seus mais próximos, existindo muitos familiares que expressão medos e frustrações pelo facto de não saberem como ajudar mais e que tentam auxiliar os homens a perceberem a sua vitimização.

No caso do estudo de Drijber et al. (2013) as razões apontadas para a existência de procura de ajuda e confiança da situação pelos homens foram, o desejo de que a violência chegasse ao fim através do contacto com a polícia, o facto de existirem crianças envolvidas, o reconhecimento da necessidade de ajuda, conseguirem ser referenciados para serviços de ajuda, a pessoa a quem confidenciam a situação se encontrar sob sigilo e confiança. Num parecer mais negativo, os homens que não procuram ajuda acreditam que a polícia nada irá fazer, têm medo de não serem levados a sério, sentem vergonha, medo de agravar a violência e receio de vingança.

No estudo de Migliaccio (2001) foi percebido através das narrativas dos homens que a procura de ajuda é afetada pelas expectativas de que estes devem ser autossuficientes e não solicitar ajuda a terceiros. Desta forma, apesar da necessidade de auxílio os homens abstêm-se devido ao estigma ao qual estão associados.

De acordo com o estudo de Walker et. al (2019), os homens apontam como razões para a não procura de ajuda o facto de não quererem denunciar a parceira, sentirem vergonha, não reconhecerem a situação como violência doméstica, medo de que não acreditassem neles, serem vistos como cobardes, não sentirem a violência como suficientemente significativa para a denunciar, não existirem testemunhas e acreditarem que a policia apresenta preconceitos levando a uma falta de apoio.

No estudo de Barkhuizen (2015) é narrado por um dos praticantes que a razão pela qual não procurou ajuda foi devido a ter trabalhado na polícia durante 18 anos fazendo com que a força policial o conhecesse e ao denunciar a situação iria sentir-se humilhado, tendo sentido receio de ser ridicularizado pelos colegas. Contudo, dois dos participantes assumem ter tentado procurar ajuda como forma de acabar com a violência ou por terem medo da parceira.

Por fim, no estudo de Tsui et al. (2010), de entre todos os participantes, 30 acreditam que os homens não tendem a procurar ajuda e enfrentam diversos obstáculos que os impedem de falar acerca das suas preocupações. O estudo dividiu as razões em 5 dimensões, *Service Target*, Vergonha e Constrangimento, Negação, Estigmatização e Medo. Na primeira, assinalaram que os serviços não beneficiam os homens, os serviços estão indisponíveis para homens, os serviços não são necessários, rejeição dos serviços, falta de conhecimento quanto aos serviços, serviços apenas ou maioritariamente para mulheres, serviços encontrados na internet foram *off putting* e preocupação com a segurança. Na segunda dimensão foram assinaladas, vergonha, não querer ser visto como fraco, sentimento de vulnerabilidade, rotulado como feminino, vergonha de contar segredos da família já na velhice e não querer que se saiba que o agressor é uma mulher. Na terceira, assinalam-se, não sentir a situação como abuso, não admitir o abuso, ficar com a culpa e não querer admitir às autoridades ser abusado por uma mulher. A quarta dimensão tem como razões apontadas, idade, ninguém acreditar que um homem possa sofrer violência, polícia não iria entender a situação, polícia não iria acreditar no homem enquanto vítima, medo de ser julgado e não acreditar que outros possam ajudar. Por fim na última dimensão foram apontadas como razões, o medo de existirem repercussões, ameaça de vingança e medo de ser rotulado.

Tabela 3. Resumo dimensão “Razões para a Procura ou Não de Ajuda”

Razões para a Procura ou Não de Ajuda
<ul style="list-style-type: none">• Apenas três estudos apresentam razões para a procura de ajuda.• A razão mais apontada para a procura de ajuda é por fim à vitimização/acabar com a violência.• As razões mais apresentadas para a não procura foram: medo de que ninguém acredite na sua palavra, vergonha em admitir o abuso, não acreditar na ação dos serviços, em especial da polícia, não reconhecimento de que estão numa relação abusiva e falta de conhecimento.• É também perceptível uma grande presença do receio de comprometer a sua identidade masculina/ masculinização, associado aos estereótipos e crenças de que existe preconceito.

Verifica-se que na dimensão “ Razões para a Procura ou Não de Ajuda” a percentagem de motivos para a não procura é superior às razões de busca. A grande maioria dos homens ainda apresenta barreiras internas impeditivas não só da procura de ajuda mas também da denúncia e abandono da relação abusiva. Verificando-se a presença de uma grande conotação estereotipada associada aos receios dos homens face à procura de ajuda.

Utilização dos Serviços

Nesta dimensão, tentou-se perceber a que tipos de recursos os homens tendem a recorrer assim como quais os mais e menos utilizados.

O estudo de Tsui (2014) verificou que de entre todos os participantes 75% tinha recorrido aos serviços de ajuda que se encontravam disponíveis, tentando junto de diversas fontes, apontado que a maioria recorreu às fontes informais. De entre estes, cerca de 66,6% recorreu entre 1 a 3 serviços e os restantes utilizaram entre 4 a 6. Sendo que os mais utilizados terão sido o aconselhamento, seguido dos serviços legais e médicos/hospitalares. Já em comparação, os menos utilizados foram, as linhas de apoio para homens e os serviços ligados a abuso de substâncias.

Já o estudo de Machado et al. (2017) percebeu que os homens tenderam a procurar ajuda informal em primeiro lugar e que muitas das vezes foi esta fonte que os indicou para os

serviços formais. Desta forma, a maioria dos homens recorreu à ajuda formal através de diversas fontes e por vezes até a mais que uma. Sendo as utilizadas, a polícia, o sistema judicial, os serviços sociais e de saúde e as organizações.

No estudo de Walker et al. (2019) a grande maioria dos homens revelou ter partilhado a situação com fontes informais, pouco mais de metade dos participantes recorreu aos serviços policiais de forma a denunciar a violência sofrida.

O estudo de Douglas e Hines (2011) percebeu que a maioria dos homens procurou ajuda perto de fontes informais, sendo que, dois terços socorreu-se do suporte online. Dentro destes, mais de metade recorreu a sites que providenciassem informações/ajuda e cerca de um quarto utilizou grupos de apoio online. Os serviços online menos utilizados foram chatrooms, blogs e email. Fora disto, menos de metade (44.9%) dos homens utilizou serviços dirigidos especificamente a homens e 42.6% serviços mistos para vítimas de violência doméstica, os serviços de saúde mental foram procurados por dois terços dos homens e as forças policiais e as organizações foram utilizadas por cerca de metade. Os serviços menos utilizados foram as linhas de apoio e a ajuda médica.

No caso do estudo Drijber et al. (2013), os homens falaram apenas sobre a procura de ajuda junto da polícia, assim sendo, apenas 32% contactou a polícia. No entanto, somente 15% denunciou a situação de abuso vivenciada.

Por fim o estudo de Douglas et al. (2012), a maioria dos homens (66.2%) recorreu-se dos serviços de ajuda mental, seguido da internet, polícia, organizações, linhas de apoio e ajuda médica. Verificou-se ainda, que por cada ano de vida a probabilidade de procura de ajuda junto de organizações acresce 8%. No caso de existirem filhos que presenciem a violência a probabilidade aumenta por 3 vezes e 2.3 vezes se houver uma falsa acusação contra si. Quanto aos homens que utilizam a internet estes são 80% menos prováveis de terem sofrido violência física grave no último ano. No que toca aos serviços médicos a probabilidade de utilização aumenta 2.5 vezes se existir uma incapacidade reportada, 4.2 vezes se existir uma falsa acusação contra si e 2.9 vezes se tiverem sofrido violência física grave no último ano. Na ajuda junto de profissionais de saúde mental, existe 2.5 vezes mais probabilidade dos homens terem crianças em casa e 3.5 vezes de possuir alguma doença mental. Esta probabilidade aumenta também quanto maior o grau académico. Já a procura de ajuda junto da polícia apresenta uma probabilidade 2.4 vezes maior se o homem pertencer a uma minoria

racial/étnica, 2.2 vezes mais provável de pertencer a uma área rural, 2.2 vezes mais prováveis de terem uma falsa acusação contra si e 1.9 mais prováveis de terem sofrido agressão grave.

Tabela 4. Resumo dimensão “Utilização dos Serviços”

Utilização dos Serviços
<ul style="list-style-type: none">• Parece existir uma grande utilização dos recursos não formais.• O recurso que mais se encontra mencionado ao longo dos diversos estudos foi a polícia.• O serviço de ajuda menos mencionado ao longo dos artigos foram os que se encontram relacionados com o consumo de substâncias, apenas referido num dos estudos.• No entanto parece não existir uma concordância quanto à utilização dos serviços médicos/hospitalares em dois dos artigos, dado que num deles esta é uma das formas de ajuda mais procurada e no outro é das menos.• O fator que mais parece aumentar a probabilidade de procura de ajuda junto dos diversos serviços é a existência de falsas acusações contra a vítima.

A dimensão “Utilização dos Serviços” deixa transparecer que o tipo de ajuda mais procurada ocorre junto de fontes informais. Acabando estas por funcionar como uma ponte entre o sujeito e os serviços formais. Aferindo-se assim que os homens tendem a recorrer a mais que um serviço aquando procuram ajuda. De entre todos os serviços mencionados, a polícia foi o mais apontado ao longo dos estudos, tornando-se desta forma o serviço ao qual mais homens recorreram. Ainda, são abordados diversos fatores que parecem influenciar a procura de ajuda junto dos serviços, sendo o que mais parece afetar esta busca é a existência de falsas acusações entre si.

Perceção da Utilidade dos Serviços

Na seguinte dimensão tenta-se observar como os homens percecionam a utilidade dos serviços aos quais recorrem aquando a procura de ajuda.

Para começar, no estudo de Tsui (2014) verificou-se que os homens percecionaram como sendo os serviços mais úteis os que se encontravam ligados a abusos de substâncias e os de

aconselhamento quando comparados com os abrigos, serviços hospitalares/médicos, serviços legais e linhas de ajuda. Por outro lado, o serviço assinalado como menos útil foi a polícia, seguida de pessoas religiosas e ministros. Por fim, os profissionais médicos e de saúde mental foram apontados como sendo pouco úteis ou neutros. Desta forma, o estudo concluiu que os recursos existentes não são percebidos com grande utilidade.

No estudo de Machado et al. (2017) os serviços formais foram vistos como inúteis por uma grande parte dos homens, especialmente o sistema judicial. Especificamente aqueles que contactaram com a polícia afirmam não terem ficado satisfeitos com os resultados obtidos, tendo-se sentido ainda mais vitimizados. Numa nota mais positiva, afirmam ter recebido apoio por parte das pessoas que lhes eram mais próximas.

O estudo de Douglas e Hines (2011) percebeu através das revelações dos homens que a ajuda mais satisfatória foi a recebida pelos amigos e familiares, seguida da ajuda médica e de saúde mental. Especificamente a esta última, 68% dos homens referiu ter sido levado a sério e 30.1% recebeu informações úteis quanto à procura de ajuda. Quanto à parte médica, 14% recebeu informações sobre como obter ajuda. No que toca aos serviços percebidos como não úteis foram referidos a polícia, linhas de apoio e organizações. Mesmo assim, apesar da nota mais negativa face às linhas de apoio cerca de 25% a 33% dos homens diz ter sido encaminhado para um programa útil por parte das mesmas e por parte dos recursos online, contudo, os restantes homens mencionam uma procura de ajuda negativa, sendo que, de entre o total de participantes mais de metade disseram que os recursos não se mostraram úteis.

Por fim, no estudo de Douglas et al. (2012), a probabilidade de uma avaliação positiva quanto à utilidade das organizações é 72% menor caso existam crianças, estes resultados são semelhantes em homens que vivam em zonas suburbanas. Esta avaliação pode tornar-se mais positiva caso exista um maior nível de suporte social. No caso das linhas de apoio, os homens tendem a avaliar mais positivamente caso estas transmitam informação relativamente às organizações disponíveis, em contraste a quando passam a mensagem de que trabalham apenas com mulheres. No que diz respeito à pesquisa na internet, caso haja informação útil os homens tendem a avaliar mais positivamente. Para que o mesmo ocorra nos serviços médicos, é necessária a existência de transmissão útil de informações relativamente à vitimização. No entanto, parece haver uma relação entre a avaliação do serviço e a existência de doença mental, sendo que neste último caso há uma tendência para avaliações mais negativas quanto à utilidade do serviço. Por fim, no caso da polícia a sua avaliação é menos favorável no caso

de os homens sofrerem de violência grave, contudo, se a parceira for detida ou presa estes tendem a ser mais positivos.

Tabela 5. Resumo dimensão “Percepção da Utilidade dos Serviços”

Percepção da Utilidade dos Serviços
<ul style="list-style-type: none">• A maioria dos participantes dos vários estudos demonstrou alguma insatisfação e percebeu pouca utilidade nos recursos disponíveis.• O serviço menos bem avaliado por parte dos homens foi a polícia.• Os serviços mais satisfatórios/úteis encontram-se relacionados com a saúde mental.• A ajuda mais satisfatória apontada pelos homens proveio de amigos e familiares.• A transmissão de informação relevante parece contribuir enquanto fator para uma melhor avaliação da utilidade dos serviços.

A análise da dimensão “Percepção da Utilidade dos Serviços” torna possível perceber a existência de uma insatisfação com os serviços de ajuda em geral, percebendo-se pouca utilidade nos mesmos. No entanto, o serviço com uma avaliação mais negativa foi a polícia, tendo sido a mais apontada negativamente ao longo dos estudos. Numa nota mais positiva, os serviços ligados à saúde mental são tidos como sendo um pouco mais úteis quando comparados com os restantes. Esta avaliação da utilidade/satisfação dos serviços por parte dos homens parece depender de diversos fatores, sendo a transmissão da informação relevante o mais decisivo para uma avaliação mais positiva.

Reações dos Serviços

Esta dimensão tenta descobrir que tipos de reação os serviços de ajuda apresentam aquando deparados com casos de violência doméstica com homens enquanto vítimas.

No estudo de Tsui (2014), os homens que procuraram ajuda junto da polícia, tribunais, advogados e assistentes sociais foram rejeitados com desconfiança e discriminação.

Apenas dois homens do estudo de Machado et al. (2020) reportam consequências positivas de procura de ajuda junto de profissionais, sendo que os restantes referem ter sido ridicularizados e acusados de serem os perpetradores. Quanto à polícia os homens dizem ter-

se sentido injustiçados, fosse através de falsas acusações ou de preconceitos pessoais, administrativos ou jurídicos.

Quanto ao estudo de Machado et al. (2017), os homens referem a existência de uma diferença no tratamento, descrevendo uma revitimização dado que a polícia se viu incapaz de responder à situação aquando contactados em casos de violência, e ainda referem terem-se sentido ridicularizados. Também por parte do sistema judicial alguns dos homens reportam a existência de estereótipos de género. No que diz respeito aos serviços sociais, revelam-se mais uma vez situações de preconceitos e duplos padrões, sendo que os homens foram tratados como se fossem o agressor. Por último, os serviços de saúde limitaram-se a prescrever medicação.

No estudo de Hine et al. (2020), é narrada a existência de preconceito no sistema, influenciando a forma como os homens são encarados enquanto vítimas.

No caso do estudo de Drijber et al. (2013), a maioria dos homens que contactou com a polícia diz não ter sido levado a sério e terem sido acusados de serem eles a perpetrar a violência, mais em específico, 33 dos homens disseram que a polícia se recusou a atuar após contactados sobre a situação.

De acordo com o estudo de Migliaccio (2001), os homens que recorreram às linhas de apoio tinham-se sentido como se estivessem a mentir relativamente à sua situação, num dos casos chegou mesmo a acontecer a pessoa não acreditar no homem e transmitir as informações à agressora. Numa nota mais positiva, num dos casos, o homem reporta que quem o atendeu foi bastante simpático e tentou ajudar transmitindo informações que lhe fossem úteis, apesar de ter confidenciado nunca ter trabalhado com um caso igual. Foi ainda referida uma certa intolerância por parte dos abrigos uma vez que não estavam preparados para lidar com estas situações. No caso da polícia, quando deparados com homens vítimas de violência doméstica, normalmente apresentam descrença. Por parte do sistema jurídico, é descrito por um dos homens que o seu pedido de restrição foi negado pelo juiz, que optou por aplicar a restrição a ambos os membros do casal. Um outro homem recorda ter recorrido ao hospital dadas as lesões sofridas numa das agressões e que aquando partilha da natureza das mesmas não acreditaram nele. Foi ainda partilhada a história com um advogado cuja reação foi baseada numa mensagem de masculinidade, na qual os homens não devem ser fracos ou frágeis.

Segundo o estudo de Walker et al. (2019) a polícia aparenta ter uma percepção estereotipada de género, levando a que exista um apoio inadequado aos homens vítimas de violência doméstica. Estes chegam a acusar as vítimas de serem eles os verdadeiros perpetradores ou ameaçando-os com a sua detenção, demonstrando uma descrença, ridicularização ou indiferença para com estes homens.

No estudo de Barkhuizen (2015), um dos homens refere que a maioria das vezes a polícia não respondia às suas tentativas de contacto e a única vez em que foi levado a sério pela polícia foi quando os próprios assistiram à situação, acabando por ameaça-la com advertências verbais. No entanto, deixaram de aviso que caso voltassem a ser contactados a deteriam. Um outro homem recorda que a polícia apenas passou a agir quando contactada pelos vizinhos, ação que se constituiu apenas por aconselhar a que as crianças recebessem ajuda psicológica e a acalmarem a agressora com uma advertência. Este homem, refere que não teve qualquer sistema de suporte durante a relação abusiva, sendo que a polícia, tribunal e o seu *counselor* não acreditavam nele. Um outro relata quase ter sido detido pela polícia, não sendo o facto de ter consigo a ordem de restrição contra a parceira. Apesar disto o polícia de serviço demonstrou-se completamente desinteressado em ouvir a vítima, chegando mesmo a ser agressivo com o sujeito, e teve que ser persuadido por um outro colega a ler o documento. O suporte recebido por parte do sistema de justiça foi pouco e a polícia diversas vezes recusou-se a agir, sendo que existiram diversos episódios em que estes compareciam no local mas acabavam por ir embora sem nada fazer ou situações em que passaram pelo local não parando de forma a não lidarem com a situação.

Por fim, alguns dos participantes do estudo de Douglas e Hines (2011) admitem ter sido acusados de serem eles próprios os agressores quer pelas organizações, como pelas linhas de apoio e recursos online. Assim, 16.4% dos homens diz ter sido gozado pelo staff da linha de apoio e 15.2% pelas organizações. Dos homens que recorreram à polícia, 41.5% foram inquiridos relativamente à detenção da sua parceira, 21% refere que a polícia se negou a prender a agressora, 37.8% conta que a polícia disse não haver nada a fazer e simplesmente ir embora e 25.4% diz que estes nada fizeram e que os ignoraram. De entre os que recorreram a organizações dizem haver um preconceito contra os homens.

Tabela 6. Resumo dimensão “Reação dos Serviços”

Reações dos Serviços
<ul style="list-style-type: none">• Os relatos quanto às reações encontradas junto dos serviços aos quais recorreram são largamente negativos.• O serviço sob o qual recaem mais relatos negativos é a polícia, seguida do sistema jurídico-judicial.• Dentro destas reações negativas, as mais apontadas são: existência de preconceitos pessoais por parte dos funcionários dos diversos serviços aos quais recorrem, presença de estereótipos de género, recusa na atuação por parte da polícia, as vítimas serem tratadas como agressores e ainda ridicularização das vítimas.

A dimensão “Reações dos Serviços” revela que quando deparados com homens vítimas de violência doméstica, os serviços reagem de forma negativa. Existindo poucas narrativas positivas sobre as respostas encontradas juntos dos serviços. Percebeu-se que em geral os serviços apresentam uma certa relutância em acreditar nestas vítimas, em especial a polícia. Mais uma vez este foi o serviço mais apontado negativamente, havendo relatos que demonstram a recusa de atuação por parte destes. Ainda, os serviços parecem apresentar uma forte presença de estereótipos e preconceitos, influenciando negativamente a sua ação. Tudo isto acaba por contribuir para uma revitimização dos homens.

Em suma, a análise dos resultados verifica que os homens ainda enfrentam inúmeros obstáculos à procura de ajuda, sejam estes internos ou externos. A busca por apoio não parece ser algo recorrente, contudo, quando se sucede é realizada junto de múltiplos serviços. Tendo em conta os resultados encontrados ao longo dos estudos, os serviços não se encontram preparados para lidar com situações de violência doméstica contra homens. Acabando por tornar a busca de ajuda numa situação negativa, dadas as respostas e reações com as quais os homens se deparam.

Conclusão

Um relacionamento íntimo requer a existência de uma forte ligação afetiva e emocional, assim como, de um respeito mútuo entre ambos os parceiros. No entanto, todos os dias somos expostos a novos casos de violência doméstica. Aquilo que antes era tido como um problema cuja resolução pertencia exclusivamente aos envolvidos, é hoje em dia, considerado um crime público. Esta mudança veio possibilitar a intervenção de qualquer pessoa caso saiba ou desconfie da existência de uma situação destas.

É desta forma importante investigar e adquirir uma maior compreensão relativamente a este fenómeno. Perceber quais os fatores que influenciam a ocorrência da violência doméstica, quais as respostas necessárias para as vítimas e agressores, que ajudas se encontram disponíveis e qual a sua efetividade.

Mas torna-se ainda mais curioso quando esta investigação se debruça nos homens enquanto vítimas, em especial, em casos em que o perpetrador é uma mulher. Devido a historicamente o homem ter vindo a ser visto enquanto o detentor do poder e aquele que inflige a violência dentro da relação, esta troca de papéis torna-se intrigante. Esta mudança na dinâmica violenta vem pôr em causa o protótipo da vítima de violência doméstica, tornando esta vitimização incompatível com as normas tradicionais de masculinidade e dominância associadas aos homens (Terrance et al., 2011).

Dado este repensar da violência doméstica impõem-se novas questões, de entre as quais, se os serviços dirigidos às vítimas estão aptos a lidar com estas situações e a auxiliar estes homens. Assim, nos últimos anos cada vez mais se tem visto um aumento do estudo da violência doméstica na perspetiva dos homens vitimizados e na sua busca de ajuda.

Assim sendo, este trabalho teve como objetivo perceber como se dá a procura de ajuda por parte dos homens vítimas de violência doméstica. A análise dos artigos recolhidos confirmou a existência de múltiplas barreiras à busca por ajuda, confirmando-se que a maioria dos homens apresenta inúmeras reservas quanto à revelação, denúncia e abandono da relação. Estes apresentam ideias preconcebidas de que a procura de ajuda será negativa e não irão encontrar os apoios necessários.

Denota-se também a presença de um forte pensamento estereotipado da imagem masculina, impossibilitando a procura de ajuda. Este pensamento leva a que os homens acreditem que a sua vitimização afeta negativamente a sua masculinidade. Estas descobertas

parecem ser congruentes com a literatura, uma vez que se te vindo aperceber que os homens tendem a encarar a denúncia da violência como sendo algo vergonhoso e que os torna menos viris aos olhos dos serviços de apoio (Joseph-Edwards & Wallace, 2020). Percebe-se assim que as diversas ideologias de masculinidade e normas de papel de género acabam por se apresentar como um fator dissuasor da procura de ajuda (Addis & Mahalik, 2003). Overstreet e Quinn (2013) referem que os estigmas antecipados, internalizados e culturais se apresentam como um obstáculo à busca de auxílio junto de qualquer fonte de ajuda. Todos estes estereótipos e estigmas impactam negativamente o processo de ajuda, começando no reconhecimento da vitimização até à seleção do serviço ao qual vão recorrer.

A análise encontrou também falhas nas respostas dos serviços de apoio aos quais os homens recorrem. Verificando-se que infelizmente muitos dos medos e crenças mencionadas pelos homens face aos serviços são uma realidade.

Os estudos evidenciaram que os serviços não se encontram aptos a lidar com homens vítimas de violência doméstica. Encontrando-se presentes ideias preconcebidas e estereotipadas acerca das vítimas de violência doméstica, levando a uma inadequação do apoio disponibilizado. Mais uma vez as descobertas parecem estar de acordo com a literatura. A existência de uma falta de apoio a estas vítimas é alimentada através das expectativas da sociedade em relação à masculinidade e ao estigma presente na vitimização dos homens (Morgan & Wells, 2016). A dificuldade de acesso aos serviços atribui-se a uma incompatibilidade entre os serviços que se encontram disponíveis e os papéis de masculinidade tradicionais (Addis & Mahalik, 2003). Tal leva a que os homens se sintam revitimizados, desta vez, em quem depositavam a sua esperança e de quem esperavam apoio.

Face a esta inadequação dos serviços, torna-se compreensível a razão pela qual a grande maioria dos homens que procurou ajuda não percecionou os serviços como úteis ou satisfatórios. Sendo de apontar que, tendo em conta a análise realizada, houve um serviço que se destacou pela negativa. A polícia foi o serviço ao qual mais homens parecem ter recorrido e a mais avaliada negativamente tanto na utilidade/satisfação quanto nas reações face à violência doméstica contra os homens. Tendo em conta a literatura, o estudo de Dim e Lysova (2021) revelou que os homens sentem uma revitimização junto do sistema criminal, afetando negativamente a perceção da procura de ajuda formal. Os autores sugerem a necessidade em encorajar a aderência de uma perspetiva mais equilibrada e *gender-informed* junto do sistema

criminal e dos seus técnicos possibilitando uma maior consciência da existência e experiência dos homens vitimizados.

Contudo, muitas das vezes a falta de resposta ou inadequação da mesma não se prende apenas com os preconceitos existentes. A realidade é que os próprios serviços enfrentam barreiras que os impedem de fornecer as soluções apropriadas.

Demonstra-se ser de grande importância haver um investimento nestes serviços, seja através de um aumento do financiamento, mais formação para os técnicos ou criação de apoios dirigidos exclusivamente a homens (Hine et al., 2020; Tsui et al., 2010). Possibilitando uma maior disponibilidade e proporcionalidade de serviços a todas as vítimas de violência doméstica.

Apesar da violência doméstica ser um tema cada vez mais abordado, debatido, estudado e criminalizado, ainda existem inúmeros obstáculos a serem ultrapassados. Para tal, a literatura tem vindo a fazer diversas sugestões de forma a solucionar as dificuldades existentes, sejam estas as enfrentadas pelos homens ou pelos serviços. Aconselha-se o aumento da consciencialização das pessoas relativamente à violência doméstica e vitimização dos homens, assim como da sua necessidade de ajuda, criação de campanhas publicitárias inclusivas e aumento da publicitação dos serviços disponíveis (Tsui et al., 2010).

Estas suscitações advêm do facto de durante a análise dos artigos se ter tornado perceptível que um dos motivos apresentados pelos homens para a não procura de ajuda teria sido o facto de haver falta de informação e conhecimento sobre a violência doméstica. Fazendo com que alguns dos homens inicialmente não reconhecessem estar numa relação abusiva. Tendo sido apontado por alguns o não conhecimento acerca dos serviços nem de como recorrer aos mesmos.

Assim como em qualquer outro estudo, existem limitações. Apontam-se neste caso, o facto de nem todos os artigos disponíveis referentes ao tema se encontrarem publicados em revistas/jornais científicos de relevância. Ficando limitada a percentagem de artigos possíveis de seleccionar e utilizar para a análise crítica. Ainda, os diversos estudos utilizados foram realizados com populações de diferentes países e backgrounds podendo estes fatores socioculturais influenciar os resultados e explicar algumas das diferenças encontradas entre estudos.

Em termos futuros, a literatura tem feito algumas sugestões no que toca ao estudo da vitimização dos homens na violência doméstica. No estudo de Machado et al. (2017) sugere-se estudar o processo de reconhecimento da vitimização e a superação desta. Douglas e Hines (2011) indicam o estudo da eficácia dos programas de formação de técnicos anteriormente sugeridos. No caso de Hine et al. (2020) menciona-se a investigação da procura de ajuda por parte dos familiares e amigos dos homens vitimizados. Por fim, Walker et al. (2019) aponta o estudo da relação da masculinidade com a vitimização dos homens.

Em suma, a violência doméstica é um assunto de extrema importância e que se tornou numa presença diária nas nossas vidas seja direta ou indiretamente. No entanto, a constância deste fenómeno não deve levar à formação de uma habituação, onde deixamos de prestar atenção devido à sua familiaridade.

O mundo académico demonstra ter vindo a percorrer um longo caminho no aprofundar do conhecimento acerca da violência doméstica, no entanto, parece existir ainda muito a descobrir.

Este evoluir das conceções referentes à violência doméstica demonstrou que cada vez mais se deve tentar intervir de uma forma proactiva, que na prevenção da violência quer nas respostas subsequentes, junto não só dos serviços como da comunidade. Para tal, torna-se necessário investir nos serviços de apoio e dar voz às vítimas.

Referências

- Addis, M. E., & Mahalik, J. R. (2003). Men, masculinity, and the contexts of help seeking. *American psychologist*, 58(1), 5-14.
- Adebayo, A. A. (2014). Domestic violence against men: Balancing the gender issues in nigeria. *American Journal of Sociological Research*, 4(1), 14-19.
- Aragbuwa, A. (2020). A standard reading of selected online readers' comments on domestic violence against men in nigeria. *Men and Masculinities*, 20(10), 1-17.
- Archer, J. (2000). Sex differences in aggression between heterosexual partners: a meta-analytic review. *Psychological Bulletin*, 126(5), 651-680.
- Arias, I., & Johnson, P. (1989). Evaluations of physical aggression among intimate dyads. *Journal of Interpersonal Violence*, 4(3), 298-307.
- Banyard, V. L., Ward, S., Cohn, E. S., Plante, E. G., Moorhead, C., & Walsh, W. (2007). Unwanted sexual contact on campus: A comparison of women's and men's experiences. *Violence and Victims*, 22(1), 52-70.
- Barber, C. F. (2008). Domestic violence against men. *Nursing Standar*, 22(51), 35-39.
- Barkhuizen, M. (2015). Police reaction to the male victim of domestic violence in south africa: Case study analysis. *Police Practice and Research*, 16(4), 291-302.
- Bates, E. A. (2019). "No one would ever believe me": An exploration of the impact of intimate partner violence victimization on men. *Psychology of Men & Masculinities*, 21(4), 497-507.
- Brooks, C., Martin, S., Broda, L., & Poudrier, J. (2017) "How many silences are there?" men's experience of victimization in intimate partner relationships. *Journal of Interpersonal Violence*, 35(23-24), 1-21.
- Caldwell, J. E., Swan, S. C., Allen, C. T., Sullivan, T. P., & Snow, D. L. (2009). Why I hit him: Women's reasons for intimate partner violence. *Journal of Aggression, Maltreatment & Trauma*, 18(7), 672-697.
- Capaldi, D. M., & Owen, L. D. (2001). Physical aggression in a community sample of at-risk young couples: gender comparisons for high frequency, injury, and fear. *Journal of Family Psychology*, 15(3), 425.
- Carmo, R., Grams, A., & Magalhães, T. (2011). Men as victims of intimate partner violence. *Journal of Forensic and Legal Medicine*, 18(8), 355-359.
- Carnwell, R., & Daly, W. (2001). Strategies for the construction of a critical review of the literature. *Nurse education in practice*, 1(2), 57-63.

- Cook, P. W. (2009). *Abused men: The hidden side of domestic violence*. London: Greenwood Publishing Group.
- Coker, A. L., Davis, K. E., Arias, I., Desai, S., Sanderson, M., Brandt, H. M., & Smith, P. H. (2002). Physical and mental health effects of intimate partner violence for men and women. *American Journal of Preventive Medicine*, 23(4), 260-268.
- Desmarais, S. L., Reeves, K. A., Nicholls, T. L., Telford, R. P., & Fiebert, M. S. (2012). Prevalence of physical violence in intimate relationships, part 1: Rates of male and female victimization. *Partner Abuse*, 3(2), 140-169.
- Dienye, P. O., & Gbeneol, P. K. (2009). Domestic violence against men in primary care in nigeria. *American Journal of Men's Health*, 3(4), 333-339.
- Dim, E. E., & Elabor-Idemudia, P. (2017). Prevalence and predictors of psychological violence against male victims in intimate relationships in Canada. *Journal of Aggression, Maltreatment & Trauma*, 27(8), 1-19.
- Dim, E. E., & Lysova, A. (2021). Male Victims' Experiences With and Perceptions of the Criminal Justice Response to Intimate Partner Abuse. *Journal of interpersonal violence*, 1-25.
- Donnelly, D. A., & Kenyon, S. (1996). "Honey, we don't do men" Gender stereotypes and the provision of services to sexually assaulted males. *Journal of Interpersonal Violence*, 11(3), 441-448.
- Douglas, E. M., & Hines, D. A. (2011). The helpseeking experiences of men who sustain intimate partner violence: An overlooked population and implications for practice. *Journal of Family Violence*, 26(6), 473-485.
- Douglas, E. M., Hines, D. A., & McCarthy, S. C. (2012). Men who sustain female-to-male partner violence: Factors associated with where they seek help and how they rate those resources. *Violence and Victims*, 27(6), 871-894.
- Drijber, B. C., Reijnders, U. J., & Ceelen, M. (2013). Male victims of domestic violence. *Journal of Family Violence*, 28(2), 173-178.
- Dutton, D. G., & White, K. R. (2013). Male victims of domestic violence. *New Male Studies: An International Journal*, 2(1), 5-17.
- Entilli, L., & Cipolletta, S. (2017). When the woman gets violent: the construction of domestic abuse experience from heterosexual men's perspective. *Journal of Clinical Nursing*, 26(15-16), 2328-2341.

- Espinoza, R. C., & Warner, D. (2016). Where do we go from here?: Examining intimate partner violence by bringing male victims, female perpetrators, and psychological sciences into the fold. *Journal of Family Violence, 31*(8), 959-966.
- George, M. J. (1994). Riding the donkey backwards: Men as the unacceptable victims of marital violence. *The Journal of Men's Studies, 3*(2), 137-159.
- Grant, M. J., & Booth, A. (2009). A typology of reviews: an analysis of 14 review types and associated methodologies. *Health Information & Libraries Journal, 26*(2), 91-108.
- Hine, B., Bates, E. A., & Wallace, S. (2020). "I have guys call me and say 'I can't be the victim of domestic abuse'": Exploring the experiences of telephone support providers for male victims of domestic violence and abuse. *Journal of Interpersonal Violence, 00*(0), 1-32.
- Hines, D. A., Brown, J., & Dunning, E. (2007). Characteristics of callers to the domestic abuse helpline for men. *Journal of Family Violence, 22*(2), 63-72.
- Hines, D. A., & Douglas, E. M. (2010). A closer look at men who sustain intimate terrorism by women. *Partner Abuse, 1*(3), 286-313.
- Hines, D. A., & Douglas, E. M. (2011). Symptoms of posttraumatic stress disorder in men who sustain intimate partner violence: A study of helpseeking and community samples. *Psychology of Men & Masculinity, 12*(2), 112-127.
- Hines, D. A., & Malley-Morrison, K. (2001). Psychological effects of partner abuse against men: A neglected research area. *Psychology of Men & Masculinity 2*(2), 75-85.
- Huntley, A. L., Potter, L., Williamson, E., Malpass, A., Szilassy, E., & Feder, G. (2019). Help-seeking by male victims of domestic violence and abuse (dva): A systematic review and qualitative evidence synthesis. *BMJ Open, 9*(6), 1-13.
- Johnson, M. P. (2011). Gender and types of intimate partner violence: A response to an anti-feminist literature review. *Aggression and Violent behavior, 16*(4), 289-296.
- Joseph-Edwards, A., & Wallace, W. C. (2021). Suffering in silence, shame, seclusion, and invisibility: Men as victims of female perpetrated domestic violence in trinidad and tobago. *Journal of Family Issues, 42*(8), 1-26.
- Lysova, A., Hanson, K., Dixon, L., Douglas, E. M., Hines, D. A., & Celi, E. M. (2020). Internal and external barriers to help seeking: Voices of men who experienced abuse in the intimate relationships. *International Journal of Offender Therapy and Comparative Criminology, 00*(0), 1-22.

- Machado, A., Hines, D., & Douglas, E. M. (2020). Male victims of female-perpetrated partner violence: A qualitative analysis of men's experiences, the impact of violence, and perceptions of their worth. *Psychology of Men & Masculinities, 21*(4), 612-621.
- Machado, A., Santos, A., Graham-Kevan, N., & Matos, M. (2017). Exploring help seeking experiences of male victims of female perpetrators of IPV. *Journal of Family Violence, 32*(5), 513-523.
- Malik, J. S., & Nadda, A. (2019). A cross-sectional study of gender-based violence against men in the rural area of haryana, india. *Indian Journal of Community Medicine: Official Publication of Indian Association of Preventive & Social Medicine, 44*(1), 35-38.
- Mankowski, E. S., & Maton, K. I. (2010). A community psychology of men and masculinity: Historical and conceptual review. *American Journal of Community Psychology, 45*(1), 73-86.
- Mechem, C. C., Shofer, F. S., Reinhard, S. S., Hornig, S., & Datner, E. (1999). History of domestic violence among male patients presenting to an urban emergency department. *Academic Emergency Medicine, 6*(8), 786-791.
- Migliaccio, T. A. (2001). Marginalizing the battered male. *The Journal of Men's Studies, 9*(2), 205-226.
- Mills, T. J., Avegno, J. L., & Haydel, M. J. (2006). Male victims of partner violence: prevalence and accuracy of screening tools. *The Journal of Emergency Medicine, 31*(4), 447-452.
- Morgan, W., & Wells, M. (2016). 'It's deemed unmanly': men's experiences of intimate partner violence (IPV). *The Journal of Forensic Psychiatry & Psychology, 27*(3), 1-15.
- Muller, H. J., Desmarais, S. L., & Hamel, J. M. (2009). Do judicial responses to restraining order requests discriminate against male victims of domestic violence?. *Journal of Family Violence, 24*(8), 625-637.
- Obarisiagbon, E. I., & Oamge, M. I. (2019) Emerging trend in the culture of domestic violence against men in southern nigeria. *International Journal of Humanities and Social Science. 9* (3), 50-56.
- Overstreet, N. M., & Quinn, D. M. (2013). The intimate partner violence stigmatization model and barriers to help seeking. *Basic and Applied Social Psychology, 35*(1), 109-122.

- Pagelow, M. D. (1983). The 'Battered Husband Syndrome': Social problem or much ado about little?. *The Sociological Review*, 31(1), 172-195.
- Park, S., Bang, S. H., & Jeon, J. (2020). "This society ignores our victimization": Understanding the experiences of Korean male victims of intimate partner violence. *Journal of Interpersonal Violence*, 0 (00), 1-23.
- Próspero, M. (2007). Mental health symptoms among male victims of partner violence. *American Journal of Men's Health*, 1(4), 269-277.
- Randle, A. A., & Graham, C. A. (2011). A review of the evidence on the effects of intimate partner violence on men. *Psychology of Men & Masculinity*, 12(2), 97-111.
- Rhatigan, D. L., Stewart, C., & Moore, T. M. (2011). Effects of gender and confrontation on attributions of female-perpetrated intimate partner violence. *Sex Roles*, 64(11-12), 875-887.
- Rosenthal, R. & DiMatteo, M. R. (2001). Meta-analysis: Recent developments in quantitative methods for literature reviews. *Annual Review of Psychology*, 52, 59-82.
- Schippers, M. (2007). Recovering the feminine other: Masculinity, femininity, and gender hegemony. *Theory and Society*, 36(1), 85-102.
- Shuler, C. A. (2010). Male victims of intimate partner violence in the United States: An examination of the review of literature through the critical theoretical perspective. *International Journal of Criminal Justice Sciences*, 5(1), 163-173.
- Terrance, C. A., Plumm, K. M., & Thomas, S. A. (2011). Perceptions of domestic violence in heterosexual relationships: Impact of victim gender and history of response. *Partner Abuse*, 2(2), 208-223.
- Tjaden, P., & Thoennes, N. (2000). Prevalence and consequences of male-to-female and female-to-male intimate partner violence as measured by the national violence against women survey. *Violence Against Women*, 6(2), 142-161.
- Timulak, L. (2009). Meta-analysis of qualitative studies: A tool for reviewing qualitative research findings in psychotherapy. *Psychotherapy Research*, 19(4-5), 591-600.
- Tsui, V. (2014). Male victims of intimate partner abuse: Use and helpfulness of services. *Social Work*, 59(2), 121-130.
- Tsui, V., Cheung, M., & Leung, P. (2010). Help-seeking among male victims of partner abuse: Men's hard times. *Journal of Community Psychology*, 38(6), 769-780.
- Wagers, S. M., Piquero, A. R., Narvey, C., Reid, J. A., & Loughran, T. A. (2020). Variation in exposure to violence in early adolescence distinguishes between intimate

partner violence victimization and perpetration among young men involved in the justice system. *Journal of Family Violence*, 36(1), 99-108.

Walker, A., Lyall, K., Silva, D., Craigie, G., Mayshak, R., Costa, B., Hyder, S., & Bentley, A. (2020). Male victims of female-perpetrated intimate partner violence, help-seeking, and reporting behaviors: A qualitative study. *Psychology of Men & Masculinities*, 21(2), 213-223.